

EDITORIAL



Desde a consolidação dos Estudos da Tradução como disciplina na década de 1980, com a publicação de *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*, de Susan Bassnett (1980), o desenvolvimento do conceito de polissistema literário pela escola de Tel Aviv, notadamente com Itamar Even-Zohar e Gideon Toury, a publicação da coletânea de ensaios organizada por Theo Hermans, *The Manipulation of Literature* (1985), o estabelecimento do ramo descritivo dos Estudos da Tradução, enfim, muito se tem pensado sobre a tradução literária. De fato, a literatura, enquanto manifestação artística, oferece ao tradutor desafios específicos que vão além da competência linguística. Ao mesmo tempo, a autonomia conquistada pelos Estudos da Tradução permitiu a reavaliação dos sistemas literários como espaços monolíngues e culturalmente homogêneos, inserindo as traduções como elemento fundamental na formação e no desenvolvimento dos sistemas literários nacionais.

Se a abordagem descritiva possibilitou a superação do mero juízo de valor acerca das traduções e uma melhor compreensão das dinâmicas entre as literaturas nacionais e as traduções, mais recentemente têm conquistado atenção as reflexões acerca do acolhimento do Outro na tradução, numa postura que pensa a ética do traduzir. Os processos domesticadores e etnocêntricos na tradução foram postos em questão notadamente por Lawrence Venuti e Antoine Berman.

Partindo destes antecedentes, os trabalhos reunidos neste v. 6, n. 2, da revista *Belas Infieis*, dão sequência aos estudos inexauríveis acerca da tradução literária. O lugar que ocupam as traduções no sistema literário brasileiro, o espaço da literatura brasileira no exterior, o papel das traduções na configuração do cânone, as especificidades da tradução literária, as trocas culturais são algumas das questões que pontuam os artigos, resenhas, artigos traduzidos e entrevistas aqui agrupados. É notável ainda a forte presença de trabalhos que alimentam a construção de uma História da Tradução Literária no Brasil, seja por meio do estudo da obra traduzida de um autor da envergadura de Machado de Assis ou das traduções realizadas por escritores, entre eles a grande Clarice Lispector. Participam deste número

professores, doutorandos e mestrandos de instituições públicas de ensino superior de diversos estados brasileiros: Paraíba, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina.

Abre esta edição da *Belas Infiéis* o artigo de Marta Pragana Dantas (UFPB): *O que podem as traduções pela literatura brasileira?*. Trata-se de uma reflexão sobre o alcance da literatura brasileira fora do país, mais especificamente na França, levando-se em conta os obstáculos à sua circulação. Entre eles, Dantas enfatiza os estereótipos relativos ao Brasil e a necessidade de que a literatura brasileira seja reconhecida no espaço nacional para que tenha legitimação no exterior.

Dando sequência às contribuições de universidades nordestinas, Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE), em seu artigo *Formando novos cânones literários: a publicação de autores contemporâneos em tradução pelo engajamento da Academia, da Crítica Literária e do Mercado Editorial*, investiga a formação de novos cânones a partir das influências das três instituições mencionadas no título: Academia, crítica e mercado. Caribé fundamenta suas hipóteses em experiências realizadas no âmbito de um Projeto de Leitura desenvolvido em uma IES privada e em suas interações com a imprensa e com o mercado editorial, notadamente com a gigante Amazon.

De Santa Catarina, Stella dal Pont (IFSC) e Andreia Guerini (UFSC), em *Itália e Brasil: Paralelismo em Tradução Literária?*, se debruçam sobre as trocas culturais operadas entre Itália e Brasil por meio de traduções literárias. Observando o período de 1977 a 2007, as autoras apontam assimetrias no fluxo de traduções entre os dois países e as relacionam à posição marginal do sistema literário brasileiro em relação ao italiano, corroborando a hipótese de Itamar Even-Zohar sobre a tendência de sistemas jovens a importarem um maior número de traduções que sistemas já consolidados.

Em *Tradutores de Machado de Assis: vozes na história da tradução*, Válmí Hatje-Faggion (UnB) propõe-se a contribuir para a história da tradução literária de obras brasileiras por meio da investigação das traduções de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para o inglês. A partir de depoimentos dos tradutores, a autora busca identificar as motivações para a realização e a publicação das traduções, bem como as concepções dos tradutores acerca do ato tradutório.

Rony Márcio Cardoso Ferreira (UEMS), em *A crítica em tempo de luto: 40 anos sem Clarice e a tradutora vista de longe*, põe em questão a pouca importância conferida pela vasta

crítica de Clarice Lispector à sua atuação enquanto tradutora, e propõe uma maior visibilidade a essa faceta mantida à sombra.

Vanessa Lopes Lourenço Hanes (UFF), em *Dois pesos e duas medidas? Considerações acerca da tradução de variantes linguísticas norte-americanas negras e brancas para o português brasileiro*, examina as formas como são tratados os dialetos norte-americanos em traduções contemporâneas de três obras em língua inglesa para o português brasileiro: *Twelve years a slave*, *The red badge of courage* e *Gone with the wind*. A partir da análise, na qual identifica soluções tradutórias diferenciadas para dialetos norte-americanos negros e brancos, a autora propõe uma reflexão acerca da função do tradutor nas representações culturais de etnias e no reforço ou combate às discriminações.

Ainda na seara da história da tradução, a doutoranda da PGET/UFSC Sheila Maria dos Santos, em *Os escritores e a tradução na editora Globo entre as décadas de 1930 e 1960*, discorre sobre a importância da editora Globo de Porto Alegre na divulgação de clássicos da literatura estrangeira no Brasil em traduções de qualidade, ressaltando a atuação dos escritores-tradutores na Coleção Nobel.

Davi Silva Gonçalves, doutor em Estudos da Tradução pela UFSC, em *A domesticação de um texto não tão selvagem: a tradução da peça Savages (HAMPTON, 1974) como processo de (re)politização*, traduz a peça de Christopher Hampton e apresenta reflexões acerca de seu processo tradutório, propondo a tradução como forma de politização.

Anderson Bastos Martins (UFSJ) e Vinícius Paulo Corrêa Almeida, em *O livro premiado: a literatura como evento e a globalização da cultura brasileira*, se debruçam sobre um acervo de obras literárias composto pelos livros inscritos para o 8º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, buscando discutir o impacto dos prêmios na produção e recepção dos textos literários. Para a leitura do acervo, os autores adotam a metodologia de leitura em gráficos proposta por Franco Moretti (2008), ou *distant reading*, considerando a relação das obras umas com as outras e com o circuito literário.

Jaqueline Bigaton e Sheila Cristina dos Santos, doutoranda e mestranda da PGET/UFSC, respectivamente, apresentam uma *Tradução comentada do conto Ma Mère et Les Livres, de Colette*. A tradução, inédita em português brasileiro, incorpora as reflexões de Antoine Berman (2013) acerca do acolhimento do estrangeiro na cultura de chegada.

Fechando a seção de artigos, Felipe Vale da Silva, doutor pela USP, apresenta-nos *A literatura alemã de Wolfgang Menzel, resenhada por Heinrich Heine: tradução comentada*. Trata-se de uma tradução integral de uma das resenhas mais conhecidas de Heinrich Heine,

testemunho da transição cultural alemã do romantismo para a literatura da Jovem Alemanha (*Junges Deutschland*).

Em seguida, esta edição traz três artigos traduzidos: *Escrever entre as línguas: tradução e gênero em Nancy Huston*, de Jane Elisabeth Wilhelm, traduzido por Pâmela Berton Costa e Maria Angélica Deângeli (Unesp); *A tradução e a língua francesa*, de Antoine Berman, traduzido por Clarissa Marini e Marie-Hélène C. Torre (UFSC); e *A metodologia em História da Tradução: estado da questão*, de José Antonio Sabio Pinilla, traduzido por Martha Pulido et al (UFSC). O primeiro trata de questões de auto-tradução e de escrita em mais de um idioma, tomando como objeto a obra da canadense Nancy Huston. Marini e Torres, por sua vez, apresentam a tradução brasileira de um pequeno artigo de Berman no qual o autor propõe uma política da tradução para a promoção da língua francesa, seguindo a tradição iniciada por Du Bellay. Finalmente, o artigo de Pinilla, traduzido a muitas mãos, trata dos problemas metodológicos próprios à pesquisa em História da Tradução e propõe alguns passos práticos para sua realização.

A seção de resenhas deste número conta com quatro trabalhos. Martha Pulido, professora da Universidade de Antioquia, Colômbia, que atualmente atua como professora visitante na UFSC, assina a resenha de *Historiografía de la traducción en el espacio ibérico. Textos contemporáneos*, editado por Pilar Ordóñez López e José Antonio Sabio Pinilla. A obra reúne escritos contemporâneos em espanhol acerca da prática da tradução, da pesquisa em tradução e da tradução nos *curricula* universitários, buscando uma abordagem não eurocêntrica, que leve em conta as especificidades da historiografia ibérica. Marie-Hélène C. Torres e Aída Carla Rangel de Sousa (UFSC) resenham o livro *La langue mondiale – Traduction et domination*, de Pascale Casanova. Estruturado a partir de um paralelo com as fases da construção de um discurso segundo a retórica clássica, o livro trata da língua como aspecto determinante da dominação de um povo ou cultura sobre outro. Rosangela Fernandes Eleutério (UFSC) nos apresenta a obra *A tradução como manipulação*, de Cyril Aslanov. O livro recebe o título de curso ministrado por Aslanov no Centro de Estudos de Tradução Literária Casa Guilherme de Almeida em 2010, focado nos processos inevitáveis de interferência no texto original por parte do tradutor. Mary Anne Sobottka (UFSC) nos traz uma resenha da obra *Traducir poesía. Mapa rítmico, partitura y plataforma flotante*, organizada por Delfina Muschietti. O livro reúne artigos sobre a tradução de poesia, considerando o poema como “máquina rítmica”, pensado para além de seus elementos

linguísticos. Trata-se de uma concepção teórica que relaciona as artes e a tradução de forma dialógica.

Ademais das resenhas de obras teóricas, Kall Sales, doutorando em Estudos da Tradução (PGET/UFSC), traz uma leitura crítica d'*A tradução da comédia Acarnenses, de Aristófanes, por Ana Maria César Pompeu*. Nesta resenha de tradução, o autor observa os mecanismos pelos quais a tradutora transpõe o texto grego para a linguagem do matuto cearense e ressalta a importância da atualização da obra para a ampliação de sua recepção.

Encerramos esta edição da *Belas Infiéis* com duas entrevistas. Germana Henriques Pereira e Alexandre Pilati (UnB) entrevistam o professor e tradutor Maurício Santana Dias, concentrando-se sobretudo na sua relação com a língua e a literatura italianas. Liane Lazoski Huet de Bacellar, Presidente do Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA), responde às perguntas formuladas por Patrícia Rodrigues da Costa e Rodrigo D'Ávila, ambos doutorandos da UFSC. A entrevista acrescenta interessantes questões referentes ao mercado de trabalho do tradutor.

Esperamos, com essa gama variada de contribuições, cobrir aspectos importantes referentes à tradução literária, seus problemas e sua história no Brasil.

Desejamos uma boa leitura!

Profa. Dra. Germana Henriques Pereira

Ms. Lia de Araujo Miranda de Lima

Ms. Patrícia Rodrigues Costa